

Teste de avaliação 2

Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____

Avaliação _____ Professor(a) _____

Grupo I

PARTE A

Lê o texto seguinte.

Mas, de súbito, a rua animou-se. Um rapazelho saiu da mercearia como uma flecha e, logo a seguir, a correr também e a gritar, o próprio Soares. Que homenzinho ridículo, o Soares, assim a correr e a gritar. Porque ele gritava! A rapariga loura reconheceu no rapazelho um dos garotos que acabavam de subir a rua com as cautelas. E o Soares devia gritar com muita energia porque, 5 através do vidro, ela percebeu perfeitamente que dizia: “Agarra! Agarra!”

Donde surgiu tanta gente? Tanta gente a correr e a gritar: “Agarra! Agarra!”? Mesmo sem abrir a janela, a rapariga acompanhava a cena toda. Pessoas acudiam às portas, juntavam-se em grupos na esquina, a perguntar, a comentar, muito excitadas, enquanto na mercearia um empregado novito, de guarda-pó, gesticulava, repetindo a quem ia chegando o que se tinha passado.

10 Apanhariam o garoto? A rapariga começou a desejar que não. Achava ridícula a figura do Soares, muito gordo e muito baixo, a correr desajeitadamente, congestionado, aos gritos. E aquela fúria toda contra uma criança punha-a, sem saber porquê, do lado dela.

Mas já as cabeças se voltavam para o começo da rua. Um polícia trazia o garoto bem seguro por um braço. E, um pouco atrás, rubro de indignação e de cansaço, o Soares mostrava para a 15 direita e para a esquerda um pequeno objeto que explicava tudo. Era uma lata de conserva.

O garoto roubara. Como arranjava coragem para fazer aquilo? Entrar numa loja, estender a mão, roubar. Quando vira o Soares, de cabeça perdida, aos berros, não lhe ocorrera que poderia ir atrás dum ladrão. Porque o garoto roubara. Aquele sujeitinho roubara, era um ladrão.

Faziam agora à porta da mercearia uma pequena reconstituição do crime. Percebia que o 20 rapaz queria dar qualquer explicação que ninguém aceitava. Chorava, protestava, desfazia-se em lágrimas. Mas que queria o pobre explicar? E, de repente, deu um sacão, tentou fugir. Então o guarda assentou-lhe a mão no pescoço, sacudiu-o e, afastando os curiosos, levou-o pela rua acima.

Vai levá-lo, meu Deus!, disse para consigo a rapariga loura. Para que fez ele aquilo?

25 Os grupos dispersaram-se. Cada um voltou à sua vida. Os passeios ficaram novamente tranquilos. Novamente o silêncio, as árvores imóveis, a mercearia do Soares na esquina com o aspeto de sempre, a tabacaria mesmo em frente.



Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

1. Identifica o incidente que captou a atenção da rapariga.
2. Compara o ambiente na rua durante e após o incidente.
3. Justifica o recurso a frases interrogativas ao longo do texto.
4. Comenta a evolução dos sentimentos da rapariga.
5. Caracteriza o comportamento da multidão, relativamente a este episódio.
6. Explicita o recurso expressivo presente na frase seguinte e comenta o seu valor expressivo:
“Um rapazelho saiu da mercearia como uma flecha” (linha 1)

PARTE B

Lê o texto seguinte. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

Mercearia Liberdade

A loja terá, no mínimo, um século, mas não se sabe ao certo a data da fundação. “O alvará é verbal, a minha tia ainda o procurou na câmara, mas nunca encontrou. Quando as coisas são antigas é assim, não existe documentação”, explica Fernando Coluna Gonçalves, proprietário da Mercearia Liberdade.

5 Situada na mais emblemática artéria lisboeta, a loja mantém todo o “décor” centenário – a faca do bacalhau e a bomba de azeite no balcão de atendimento, as medidas dos cereais nos expositores dos postais ilustrados –, mas dedica-se essencialmente à venda de artesanato. Nas prateleiras onde ao longo de sucessivas décadas se acomodaram pacotes de açúcar, arroz e outros víveres, são hoje exibidos barros de Estremoz, cerâmicas de Valadares ou azulejos de
 10 Sintra.

Foram os avós do atual proprietário que deram início ao negócio, ainda no século passado. Na época, a loja era “uma mercearia a cem por cento” e Fernando Gonçalves ainda conserva da infância as memórias de um espaço “com muitos marçanos¹ e até um encarregado”. A Avenida da Liberdade era então uma zona residencial nobre, “com bastante vegeta-
 15 ção, árvores frondosas e edifícios lindíssimos”, conforme recorda. “Era aqui que a minha mãe colocava os anúncios para arranjar criadas, porque a zona era muito boa, as casas eram de famílias antigas e conceituadas”. A Mercearia Liberdade usufruía dessa clientela selecionada que habitava na avenida. [...]

Da época dos avós, chegaram-lhe alguns relatos nebulosos. “Sei que em 1910, com a
 20 implantação da República, houve aqui na avenida lutas enormes, e até soaram canhões no



Parque Eduardo VII. O meu avô era revolucionário e chegou a estar preso. Mas são histórias que ouvi contar em miúdo, não sou desse tempo.”

Por morte dos avós, nos anos 50, foi uma tia de Fernando Coluna Gonçalves quem tomou conta da loja. “Nessa altura, começou a notar-se uma alteração significativa na avenida”. Paulatinamente², os bancos foram tomando o lugar das casas de família. A nova proprietária, que Fernando Gonçalves descreve como “uma mulher com uma visão extraordinária para o comércio”, apercebeu-se das tendências que se desenhavam e começou a alterar a face da velha mercearia, introduzindo a venda de peças de artesanato, como louças de Alcobça, bonecas da Nazaré e galos de Barcelos. Os marçanos, que no tempo dos avós carregavam enormes cestas de víveres, desapareceram. “Este espaço mudou completamente com a minha tia. É a ela que se deve a grande viragem da loja”, sublinha.

Conceição Antunes, “50 lojas com histórias”, *Expresso*, 2001

1. *marçanos*: aprendizes de caixeiro. 2. *Paulatinamente*: Lentamente, Pouco a pouco.

7. Para cada uma das afirmações que se seguem (7.1. a 7.8.), escreve a letra correspondente a verdadeira (V) ou falsa (F), de acordo com o sentido do texto.

- 7.1. ☐ O proprietário acha que a loja foi fundada há menos de um século.
- 7.2. ☐ Os objetos colocados no balcão de atendimento remetem para a atividade atual da loja.
- 7.3. ☐ O negócio alterou-se ao longo dos anos.
- 7.4. ☐ A loja mudou de local ao longo da sua existência.
- 7.5. ☐ O dono da loja relembra as lutas na Avenida, a que assistiu em criança.
- 7.6. ☐ A tia do atual proprietário encarregou-se da loja, devido à morte dos pais dela.
- 7.7. ☐ Devido ao aumento do número de turistas, a tia do proprietário começou a vender artesanato.
- 7.8. ☐ O negócio decaiu, quando a tia do proprietário assumiu o negócio, o que levou ao despedimento dos marçanos.

8. Selecciona, em cada item (8.1. a 8.5.), a opção correta relativamente ao sentido do texto. Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

8.1. Atualmente, a Mercearia Liberdade vende essencialmente

- (A) açúcar, arroz e outros víveres.
- (B) bacalhau, azeite e cereais.
- (C) artesanato e postais.
- (D) árvores de fruto e outras plantas.

- 8.2.** Com a expressão “*uma mercearia a cem por cento*” (linha 12), o dono da loja pretende
- (A) referir os tipos de produtos vendidos.
 - (B) classificar a qualidade da mercearia.
 - (C) indicar que atualmente já só detém uma parte da loja.
 - (D) referir que era a loja preferida por toda a gente.
- 8.3.** A palavra “*nebulosos*” (linha 19) pode ser substituída por
- (A) *esquecidos*.
 - (B) *longínquos*.
 - (C) *curiosos*.
 - (D) *violentos*.
- 8.4.** A “*visão extraordinária*” (linhas 26-27) da tia do atual proprietário permitiu-lhe
- (A) nunca precisar de utilizar óculos para ler e permanecer ativa.
 - (B) criar peças de artesanato e vendê-las na sua loja.
 - (C) conceber e desenvolver várias lojas e administrá-las com sucesso.
 - (D) prever as alterações da área e modificar o negócio em função disso.
- 8.5.** A conjunção “*Mas*” (linha 21) pode ser substituída por
- (A) *Logo*.
 - (B) *Também*.
 - (C) *Porém*.
 - (D) *Portanto*.

PARTE C

- 9.** Imagina que o garoto de que fala o texto da Parte A roubou a lata porque tinha fome. Neste caso, parece-te que se justifica a sua atitude?

Num texto argumentativo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras:

- expõe a tua opinião;
- apresenta pelo menos um argumento que justifique a tua opinião;
- prevê um contra-argumento e a respetiva resposta.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente.



Grupo II

1. Associa cada elemento da coluna **A** ao único elemento da coluna **B** que lhe corresponde, de modo a identificares a função sintática desempenhada pela expressão sublinhada em cada frase.

Escreve as letras e os números correspondentes. Utiliza cada letra e cada número apenas uma vez.

Coluna A	Coluna B
(a) Um rapazinho <u>roubou uma lata de conservas</u> .	(1) sujeito
(b) O merceeiro gritava <u>ao garoto</u> colericamente.	(2) predicado
(c) Um polícia conduziu o rapaz <u>à esquadra</u> .	(3) complemento direto
(d) Fazia-se agora à porta da mercearia <u>uma pequena reconstituição do crime</u> .	(4) complemento indireto
(e) Os passeios ficaram novamente <u>tranquilos</u> .	(5) complemento oblíquo
	(6) predicativo do sujeito
	(7) modificador
	(8) vocativo

2. Reescreve as frases seguintes, substituindo os complementos indicados nas alíneas pelas formas adequadas dos pronomes pessoais. Procede às alterações necessárias.

a. Complemento direto

Algumas pessoas observavam, tranquilamente, a cena.

b. Complemento direto e complemento indireto

Ninguém perguntou ao rapaz o motivo do roubo.

3. Explicita a regra que torna obrigatório o uso da vírgula na frase seguinte, indicando a função sintática da expressão “Ó miúdo”.

Ó miúdo, por que razão roubaste esta lata de conserva?

4. Reescreve na passiva as frases seguintes:

a. *O garoto terá roubado a lata por necessidade.*

b. *Energicamente, o guarda afastou os curiosos.*

5. Indica a subclasse dos verbos sublinhados nas frases seguintes:

a. *O rapaz foi apanhado pela polícia.*

b. *Ele chorava aflitivamente.*

c. *A rapariga loira estava incomodada.*

d. *Ela não tinha visto a cena desde o início.*



Grupo III

Às vezes, no nosso quotidiano, deparamo-nos com situações imprevistas, curiosas, divertidas, trágicas...

Partindo de uma experiência passada ou recorrendo à tua imaginação, cria um texto narrativo bem estruturado, com um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras, relatando uma dessas situações.

Na tua narrativa, deves descrever, pelo menos, um dos intervenientes e incluir um momento de diálogo.

Não te identifiques.

Cotações

Grupo I 50 pontos

1. 3 pontos
2. 5 pontos
3. 4 pontos
4. 6 pontos
5. 5 pontos
6. 3 pontos
7. $(8 \times 0,5)$ 4 pontos
8. (5×2) 10 pontos
9. 10 pontos

Grupo II 20 pontos

1. 5 pontos
2. a. 2 pontos
2. b. 2 pontos
3. 3 pontos
4. a. 2 pontos
4. b. 2 pontos
5. 4 pontos

Grupo III 30 pontos

Total 100 pontos

